



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

O VALOR DA IDENTIDADE SUL-MATO- GROSSENSE

Elisângela Leal da S. Amaral¹ (UEMS)
elisilvamaral@hotmail.com

Marlon Leal Rodrigues² (UEMS)
Marlon@uems.br

Introdução

A constituição ou construção da identidade se configura em meio a um processo de representações político-históricas por meio de discursividade. É no momento em que um discurso produz seus efeitos de sentido que discurso/sujeito/identidade se configuram.

Obedecendo a um percurso de rompimentos, negativas, afirmativas e transformações, é frente ao outro, num jogo de representações imaginárias e antecipações que o sujeito se estabelece em meio a dadas condições de produção.

A ideologia, interpelando o homem em sujeito, traz consigo a historicidade que se que se manifesta por meio dos instrumentos da Análise de Discurso. Nesse sentido, metáfora, polissemia e paráfrase, pela aproximação, distanciamento ou transformação entre as palavras vem auxiliando na construção do sentido e do sujeito.

Fazendo uso desse aparato teórico pretende-se conhecer a construção da identidade sul-mato-grossense e a historicidade que a compõe por meio de enunciados “políticos” que circulam na internet e também por meio de discursos produzidos por cidadãos comuns.

A constituição da identidade

A constituição ou construção da identidade, seja individual ou de grupo, é algo de fundamental importância junto ao conjunto de valores que compõem o elemento humano. Embora, no campo dos

¹ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

²Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professor do Curso de Letras e do Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMS).



estudos sociais, haja dúvidas, instabilidades e discordâncias quanto aos conceitos que devem/podem ser considerados ou não, quanto a haver crise de identidade ou não, quanto a que processo ocorre no momento, etc.

No entanto, no tempo chamado por alguns de pós-modernidade, uma coisa é certa: a necessidade de se firmar e se afirmar por meio de uma identidade é prerrogativa da existência do homem. Para Rodrigues

A identidade (com maior ou menor estabilidade) se constitui, surge em forma de negação, de afirmação, de oposição, de negociação, de ressignificação, de divisão de espaço, de reivindicação a partir das práticas de produção dos discursos, o que implica considerar necessariamente sua *filiação a espaços de discursividade*. (Pêcheux, 2005: 52) na sua relação direta com a memória discursiva (Pêcheux, 1999: 56) pelo interdiscurso (Pêcheux, 1997:163) e como um “furo”, no/do acontecimento, enquanto “um espaço móvel de divisões, de disjunções de deslocamento, réplicas e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos” (idem, 56). Nesse sentido, a identidade não é algo estabilizado *ad infinitum*, mas sujeito aos movimentos políticos, culturais e ideológicos que imperam em determinados períodos históricos. (RODRIGUES, 2010, P. 19)

Nesse sentido, alguns pontos importantes podem ser ressaltados: a construção da identidade se dá em um espaço de oposições na medida em que o sujeito, ao se conformar à identidade A, o faz negando uma B. Outra questão relevante, é que o homem como ser simbólico, tem sua “imagem” completa em elementos e circunstâncias também externos a ele, como o espaço em que se estabelece, do qual passa a fazer parte, sobre o qual exerce algum tipo de influência.

Além, desses fatores, a identidade não permanece estática, ao contrário está em constante transformação, uma vez que a sociedade segue seu curso, transforma-se, adequa-se, reformula-se. Conforme observa Pêcheux:

Para que seja possível atribuir ou reivindicar algum tipo de identidade para sujeitos, para grupos, para movimentos populares, para partidos políticos, é preciso que haja minimamente um espaço de discursividade (conquistado, reivindicado, disputado, cedido e um lugar material (instável ou não) em seu aspecto espaço/temporal. Além disso, a identidade marca uma certa territorialidade no/pelos discursos, tendo como referência ou como condição um conjunto de valores, de crenças, de rituais, de símbolos, nos/sobre os quais ela se inscreve, se rompe e se estabelece enquanto acontecimento. (PÊCHEUX, 1999, p. 50).

Nesse sentido, a linguagem também se apresenta como elemento demarcador e constitutivo da construção da identidade, já que “existir” significa fazer e, nesse contexto, fazer história. Pela linguagem o sujeito se inscreve na história e também a “produz”. Na linguagem se instaura a existência do “eu” do “outro” e do “nós”, ou do grupo, assim como se instaura o “fazer”, conforme afirma Gomes:



[...] os falantes não utilizam a língua apenas para exteriorizarem seu pensamento ou estabelecerem comunicação, mas usam para realizarem ações, para atuarem sobre o outro, ou seja, é pela linguagem que interagimos com os outros e produzimos sentido numa dada esfera social, histórica e ideológica. (GOMES, 2012, p. 12)

A questão da identidade na AD

Constituída nos entremeios da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise (Orlandi, 2012, p.19), a Análise de Discurso tem a linguagem como “um instrumento” (idem, 2008, p. 15) da materialização da ideologia. Entretanto, a linguagem que interessa à AD é aquela em a língua faz sentido por meio de um discurso . Para a autora, principal representante da Análise do Discurso de linha francesa no Brasil, o homem percebe o mundo e com ele interage por meio da linguagem, isto é, do simbólico.

E, por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem, que se inscreve na história para significar, tem seu corpo atado ao corpo dos sentidos. Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história. (idem, 2008, p. 9)

Na AD o sujeito não é o indivíduo, mas uma representação imaginária de um elemento que se situa num lugar, nas condições de produção, a fim de “produzir” seu discurso. O discurso não está pautado nos interesses do “eu”, nem em circunstâncias da consciência humana, ao contrário, compõe-se da historicidade trazida pela ideologia que interpela o homem em sujeito. Nesse sentido, o sujeito é uma permanência contínua (e continuadora) da historicidade que compõe a vida em sociedade.

O sentido dos dizeres se constrói mediante dispositivos de análise oferecidos pela AD já que a palavra faz parte da composição do discurso, mas

Uma palavra, uma expressão ou proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio”, vinculado a sua literalidade, ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva.(PÊCHEUX, 1997, p. 61)

Desse modo, Orlandi (2008, p.100) resume a questão dizendo que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”. É no efeito de sentido que outras palavras presentes em outros discursos produziram que se apoia (também) a interpretação do analista. O recurso da metáfora, ou da transferência de sentidos, permite esse trabalho, a fim de que, encontrando-se o sentido, encontre-se também o sujeito.

Além disso, o equilíbrio entre a permanência, assegurada pela paráfrase, e o deslocamento para o novo, assegurado pela polissemia, permite a “evolução” do dizer, o discurso outro. O arquivo da memória, os já ditos e não ditos, os interdiscursos se configuram como a memória do dizer na formulação e constituição do discurso, sempre em meio a condições de produção.

Outro mecanismo importante diz respeito ao posicionamento do sujeito diante do “outro” e a influência que disso procede. Nesse momento, ocorre preocupação mútua entre interlocutores que se avaliam: “Quem sou eu para lhe falar assim?/ Quem é ele para que eu lhe fale assim?/ Quem sou eu para que ele me fale assim?/ Quem é ele para que me fale assim?”, pelo chamado processo de “antecipação” (Pêcheux, 1990, p. 84)

Nesse processo, o sujeito “seleciona” o que deve e não ser dito, o que resultará em determinado dizer e não outro, assim, um sujeito e não outro, tendo em vista que sujeito e sentido se constroem concomitantemente. Desse modo se define a identidade. Segundo Orlandi (2008, p. 106), ainda ocorre o processo, de deslocamento do “bio, psico para o social”, ou seja, da forma sujeito-histórico para a individualização causada pelo Estado num sistema capitalista, tornando-se uma nova projeção, de acordo com “as instituições e as relações materializadas pela formação social que lhe corresponde” (idem.).

Seguindo essa mesma fundamentação, Lopes (2002, p. 37) acrescenta que “[...] as identidades sociais não estão nos indivíduos, mas emergem na interação entre indivíduos agindo em práticas discursivas particulares nas quais estão posicionados.” Outro nome, nesse campo teórico, vem confirmar que “marcar a identidade é fazê-lo em relação ao outro, uma vez que tendo em consideração outras identidades é que surge a necessidade de marcar a sua, pois a identidade se constitui em relação a outra.” (Rodrigues, 2010, p. 20)

Reflexões sobre sentido

Em Análise de discurso, o sentido não é algo pronto, dicionarizado ou estático. Ao contrário se relaciona ao percurso do discurso, ao movimento relacinado a/relacionando a história. “O sentido decorre das enunciações, atos que se dão no interior das FDs, que determinam o sentido do que se diz. A universalidade e a generalidade estão excluídas”. (Possenti, 2004, p. 361).

O sentido não é um lugar de caminhos pré-estabelecidos, mas nasce da interpretação, conforme afirma Eni:

não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. É preciso lembrar que nesta filiação teórica, não há sentido em si [...] (ORLANDI, 2008, p.19)

Desse modo, o analista lança mão de recursos teóricos oferecidos pela ciência em questão que lhe permitem fazer uma análise científica, sempre levando em consideração as condições de produção, a historicidade, que conferirão à palavra um sentido para aquela situação. A opacidade da língua, seus equívocos também auxiliam nesse processo, daí dizer que “[...] é justamente pela abertura que há determinação: lá onde a língua passível, de jogo, (ou afetada pelo equívoco) se inscreve na história para que haja sentido.” (Orlandi, 2008, p.20).

O sentido, objeto de busca constante no intuito de compreender a vida, de se inserir na história não se realiza de forma estática e permanente. Ao contrário, está sujeito a transformações constantes, a outras possibilidades sempre.

Resultado de um complexo processo de formulação, o discurso, objeto de estudo da Análise de Discurso, vem a ser o alvo da busca pela compreensão do sentido. Sujeito aos equívocos e incompletudes da língua, o discurso fica sempre exposto a possibilidades de significar de uma forma ou de outra.

Por meio de mecanismos componentes de seu referencial teórico, a AD estrutura ferramentas capazes de auxiliar no processo de constituição do sentido entre interlocutores. O deslocamento da palavra de uma discursividade a outra, pelos recursos da polissemia e da paráfrase colaboram com a ocorrência de um determinado discurso e seus efeitos, bem como possibilitam a compreensão da língua funcionando pela materialidade da ideologia no discurso, fazendo sentido.

A Análise de discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (ORLANDI, 2008, p.20)

São esses recursos que permitem, por meio do dispositivo de análise da AD, a busca pelo conhecimento do sentido dessa construção da identidade do sul-mato-grossense por meio de enunciados produzidos, bem como das filiações ideológicas que os movem.

Reflexões sobre ideologia

O termo ideologia, ao longo dos estudos científicos tem, sido abordado de diversas formas por diversos teóricos.

Sabe-se que a expressão: ideologia foi forjada por Cabanis, Destutt de Tracy e seus amigos e que, designava por objeto a teoria (genérica) das ideias. Quando, 50 anos mais tarde, Marx retoma o termo, ele lhe confere, desde as suas Obras da Juventude, um sentido totalmente

distinto. A ideologia é aí um sistema de ideias, de representações que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. (ALTHUSSER, 2012, 81)

Ao adotar o termo, que mais tarde se tornará um dos fundamentais para a sustentação de teorias da análise do discurso, Marx na então elaboração de seu materialismo histórico, passa a reformular o sentido que lhe era atribuído. Esse processo de transição segue alguns passos. “Na ideologia alemã, esta fórmula aparece num contexto nitidamente positivista. A ideologia é concebida como pura ilusão, puro sonho, ou seja, nada.” (Althusser, 2012, 83) Nesse sentido a ideologia era comparada a simples imaginação ou sonho. A primeira, uma atividade consciente, controlada pelo indivíduo. A segunda, nem isso, mas apenas um possível conjunto de fragmentos daquilo que teria sido vivido durante o dia. Uma espécie de ornitorrinco e só.

Em sua obra *Aparelhos ideológicos de Estado*, Althusser traça alguns paralelos com teorias de Freud, em que usa as teorias do psicanalista para fundamentar suas progressões sobre o assunto, apoiando-se sobre o mesmo numa relação progressiva de abordagem do tema: “[...] eu retomarei palavra por palavra da expressão de Freud e direi: *a ideologia é eterna*, como o inconsciente.” (Althusser, 2012, 85). É essa a forma que o autor escolhe para afirmar que assim como o inconsciente não tem história, a ideologia também não, não podendo, dessa forma, serem demarcados ou limitados temporariamente, ou seja, delimitados por início e/ou fim.

Ao chegar à definição adotada pelo Marxismo, a ideologia assume a conotação de uma força motora capaz de gerar no indivíduo uma atitude, a materialidade.

O indivíduo em questão se conduz de tal ou qual maneira, adota tal ou qual comportamento prático, e, o que é mais, participa de certas práticas regulamentadas que são as do aparelho ideológico do qual “dependem” as ideias que ele livremente escolheu com plena consciência, enquanto sujeito. (ALTHUSSER, 2012, 90).

Por essa teoria, as atitudes do homem estão diretamente associadas à ideologia de determinadas instituições sociais, sejam elas políticas, religiosas, ou de que ordem forem. Nesse sentido que a ideologia é exterior à história, uma vez que é por meio da ideologia que as atitudes serão geradas e as atitudes fazem a história, embora a história, em alguma medida, influencie a ideologia.

Para a teoria de Althusser sobre ideologia, “Desaparece: o termo ideias. Permanecem: os termos sujeito, consciência, crença, atos. Aparecem os termos práticas, rituais, aparelho ideológico”. (Althusser, 2012, 90), ou seja, para o autor as ideias não são mais resultado da imaginação de um indivíduo, mas produto daquilo que reza uma determinada instituição (aparelho ideológico), que, ao atrair um indivíduo

com a sua ordem ou filosofia de funcionamento, atravessa-o, interpelando o mesmo em sujeito sob dadas condições, levando-o a realizar práticas ou rituais. Assim nasce o sujeito.

Uma vez apropriado pela Análise de discurso de linha francesa, a ideologia passa a ser, sob alguma medida, agrupada ou relacionada à linguagem, por meio da qual é materializada, dessa forma “Um dos pontos fortes da Análise de Discurso é re-significar a noção de ideologia a partir da consideração da linguagem.” (Orlandi, 2009, p.45), ou seja, toda a ideologia defendida/trabalhada por meio das teorias do materialismo histórico, agora se filia à linguagem para, conjuntamente, participar da manifestação de sentido do/no discurso.

De outra forma, ao dizer que o homem passa a existir apenas quando interage e o faz por meio da linguagem, associar a existência do sujeito à ideologia não é uma prática contrária à AD, visto que, para existir, o discurso depende do sujeito, que, por sua vez, depende da ideologia. Assim, “Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.” (Orlandi, 2009, p.46).

Como o discurso se inscreve na história ao produzir efeitos de sentidos entre interlocutores, e dessa forma pela historicidade do discurso a história ganha mais uma etapa, a relação entre esses elementos tem como produto a existência humana na forma consolidada em sujeito “[...] ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos.” (Orlandi, 2009, p.46)

É importante ressaltar, no entanto, que o indivíduo não toma por si a decisão de se tornar sujeito, como candidato a um cargo qualquer, mas afetado pela ideologia passa a ser interpelado a ser sujeito, assumindo pela propriedade da psicanálise, o inconsciente, a função sujeito, formulando por meio dos recursos dos esquecimentos e da memória discursiva o discurso que naquele momento convém, instigado pela força ideológica que o afeta: “Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia.” (Orlandi, 2009, p.46)

Se o mundo é constituído pela história, e se a história é feita pelo homem que, por sua vez, demarca-se por meio dela, levando-se em consideração que o indivíduo se inscreve na história ao produzir discurso, do qual se atribuirá sentido, e, lá no nascimento do sujeito, houve o trabalho da ideologia, até então invisível, mas que ganha corpo ao materializar-se no discurso por meio da linguagem. Parte daí a conclusão de Eni ao afirmar que “[...] a ideologia não é ocultação, mas função da relação necessária entre linguagem e mundo.” (Orlandi, 2009, p.47)

A identidade do Sul-matogrossense: um discurso de negativas

Se a construção de identidade já demarca, entre outros fatores a negação, no caso do sul-matogrossense, a negativa se dá também em relação à própria geografia, negando-lhe também a história. Levando-se em consideração que, como diz Gama (2011, p. 95), “Toda a toponímia é identidade, identidade com o solo, identidade com a história, identidade do povo.”, a problemática desse povo fica muito evidente.

O problema já se inicia com a nomenclatura presente nos dicionários: para Silveira Bueno (1996, p. 420): mato-grossense-do-sul; para Aurélio Buarque de Holanda (2000, p. 451), idem; já para Houaiss (2009, p. 705), sul- mato-grossense ou mato-grossense-do-sul. E para os sujeitos nascidos em Mato Grosso do Sul, a designação é a de sul- mato-grossense, ou seja, preferem aquela que frisa a grande marca de sua identidade: a palavra **sul**.

A história do Brasil relata inúmeros confrontos e conflitos por situações de colonização, disputas territoriais fronteiriças, questões econômicas e políticas que não serão abordadas aqui, já que, apesar de importantes, seu aprofundamento não se faz necessário para o que se propõe neste estudo. É suficiente, no entanto, mencionar que tudo isso culminou com a divisão do Estado de Mato Grosso.

A divisão era justificada pela extensão de terras que dificultava o atendimento a necessidades da população e, conseqüentemente, prejudicava o desenvolvimento esperado. Em 1977, o governo federal decretou a divisão do Estado que teve sua região sul denominada *Estado do Mato Grosso do Sul*.

[...] a criação desse Território federal foi recebida por aqueles que buscavam a independência sul mato-grossense³, como a preparação da almejada divisão do grande Estado, cuja imensa extensão territorial impedia que se processasse o seu reclamado e ambicioso desenvolvimento. (MARTINS, 1975: 117/118)

Nesse sentido, percebe-se que as questões de identidade, além do que se refere à sua constituição no caso da “individual” ou de grupo, e além de toda a questão de linguagem, de negação, de afirmação, de oposição, de negociação, de ressignificação, de divisão de espaço, de reivindicação, também é fortemente influenciada por questões econômicas.

Análise de dados

³ Note-se a presença de outra forma de escrita para o título, conforme comentado anteriormente.

A análise de dados constitui uma atividade que exige do analista constante retorno aos dispositivos teóricos da Análise de Discurso. É por meio de todos eles que esse processo pode ser assegurado. De forma especial os recursos oferecidos pela metáfora, paráfrase e polissemia são capazes de nortear os deslocamentos que tornam possíveis os diálogos entre as historicidades, o acesso aos arquivos da memória, aos interdiscursos. Sem esses acessos aos discursos outros, sem o conhecimento das condições de produção, todo o trabalho ficaria recluso a meros estudos linguísticos, afinal como diz Orlandi:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidas em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. (ORLANDI, 2012, p. 30).

Os tópicos que se articulam para formar a ciência de Pêcheux transformam a hermenêutica do analista em possibilidade de se compreender a linguagem fazendo sentido, construindo a história, vinculada a sujeitos e instituições que a fazem e dela fazem parte. Porém essa história, que ocorre por meio da linguagem que é o instrumento da materialização da ideologia, reclama sentido, precisa de interpretação.

Podemos mesmo dizer que a interpretação aparece em dois momentos da análise:

- a. em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise, isto é, o sujeito que fala interpreta e o analista deve procurar descrever esse gesto de interpretação do sujeito que constitui o sentido submetido à análise;
- b. em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação, então o próprio analista está envolvido na interpretação. (ORLANDI, 2012, p. 60).

Nesse sentido, ao se inserir na história, o sujeito fica imerso em uma historicidade contínua, de uma forma inconsciente, pelo processo de esquecimentos, é nas condições de produção que o sujeito, na relação com a memória, de alguma forma, “seleciona” aquilo que deve ou não ser dito, que constitui a prática constitutiva de interpretação do sujeito em sua prática interpretativa na relação com a memória / arquivo e o real. No entanto, “Não se objetiva, nessa forma de análise, a exaustividade que chamamos horizontal, ou seja, em extensão, nem a completude ou exaustividade em relação ao objeto empírico. Ele é inesgotável.” (Orlandi, 2012, p. 62). O discurso continua porque a história segue, isso nos dois lados da linha do tempo.

Apoiando-se nos já ditos, nos recursos oferecidos pela paráfrase, nos “novos” oferecidos pela polissemia, o deslizamento/deslocamento de sentidos entre palavras, que pode-se dizer são os

movimentos da AD, movimentos em zigue-zague, ora voltando-se, ora avançando seguem em direção ao discurso que ainda virá: “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes.” (Orlandi, 2012, p. 62).

Análise I: identidade e economia

Nessa circunstância, não é só o povo que tem motivações para reclamar sua identidade. Forças políticas trabalham visando às questões econômicas que motivam a reivindicação pela efetivação da identidade sul-mato-grossense. Nesse sentido, serão analisados alguns discursos retirados de uma página da internet, mais especificamente no *facebook* de Campo Grande, em que se procura constatar se há interesses econômicos na questão.

Baseados na afirmativa de Rodrigues de que

[...] a identidade não é algo sempre lá, em algum lugar na/da linguagem, mas algo cuja característica é a de ser construída, reconstruída, transformada, “preservada”, adaptada, significada a cada enunciação ou conjunto de enunciações, considerando as “circunstâncias sócio-históricas”. (RODRIGUES, 2010, p.88) – *grifos do autor*.

Nesse sentido, os referidos enunciados funcionarão como fonte para amparar as circunstâncias sócio-históricas, que são permeadas pela economia do estado e do Brasil:

- (01) “Mais uma confusão envolvendo os nomes dos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso causam revolta na população do estado de MS. No capítulo da última sexta-feira (21) da novela *Insensato Coração*, um diálogo entre as personagens Luciana (Fernanda Machado) e Pedro (Eriberto Leão) deu a entender que a cidade sul-mato-grossense de Bonito, a mais importante riqueza turística da região, ficaria no Mato Grosso.”
- (02) “Bonito e Pantanal são mais conhecidos no Brasil e no mundo que o nome de Mato Grosso do Sul, e isso é complicado para o Estado. O que deve ocorrer é um debate, sem focar emoções ou saudosismos, onde vamos analisar os prejuízos da confusão entre os estados irmãos, aí depois podemos pensar na mudança de nome”
- (03) “Obviamente a Campanha para a importante mudança de nome do Estado do Mato Grosso “do Sul” para o nome estratégico de “Estado do Pantanal” esta sendo corrompida mais uma vez, por pessoas sem conhecimento ou então que devem no mínimo torcer pelo sucesso de outros Estados e não o nosso. Bem vindos ao “Estado do Pantanal”.
- (04) “Não é a mas a imprensa diz que “solução” para que a Rede Globo evite confundir o nome de Mato Grosso do Sul com Mato Grosso seria o Governo Estadual cortar as verbas publicitárias destinadas à emissora. Pelo menos esta é a alternativa sugerida pelo deputado estadual Paulo Duarte (PT). A informação é do site Midiamax, de Campo Grande (MS).”

No enunciado (01), a expressão “Mais uma confusão”, iniciando o discurso, intensifica a reclamação/denúncia/desabafo somando o fato que será citado, pelo uso de “mais”, a tantos outros que

já ocorreram. Ainda em (01), é possível conhecer a causa da revolta: “a cidade sul-mato-grossense de Bonito, *a mais importante riqueza* turística da região, ficaria no Mato Grosso.” (grifo nosso). Pode-se perceber pelo enunciado que a questão polêmica envolvia o reconhecimento da posse de Bonito.

A cidade de Bonito, no discurso recebe um caracterizador, que a identifica, ou seja, faz parte da identidade da cidade ser “*a mais importante riqueza* turística da região”. O que gera renda, “enriquecimento” para o estado de MS e não deve ser passado para os cofres de MT.

No enunciado (02), envolvendo também a questão da mudança de nome para se evitar a confusão com o estado vizinho, justifica-se com o argumento de que “Bonito e Pantanal são mais conhecidos no Brasil e no mundo que o nome de Mato Grosso do Sul.” O efeito de sentido pelo uso do primeiro nome confirma a importância da cidade turística mencionada no enunciado anterior; já o uso do segundo nome, outra fonte turística ainda mais conhecida, seria para produzir um sentido que fundamentasse a proposta de se mudar de MS para Pantanal.

No mesmo enunciado é proposto um “debate”, que seria uma troca de opiniões a fim de que prevaleça uma decisão X. Porém, como o interesse é econômico, faz-se necessário que o “debate” não seja pautado na história de conquistas ou disputas que marcaram a história do país e do estado. É preciso que a luta dos patriotas e qualquer outra que não se fundamente em dinheiro seja esquecida. Para alcançar tal efeito de sentido, é preciso que o debate seja “sem focar emoções ou saudosismos”. Desse modo “exclui-se”/ “sem” sentimentos e história.

De acordo com (02) nesse momento, sentimentos e história poderiam atrapalhar a decidir pela construção de uma identidade cujo fundamento sejam os interesses financeiros, já que como a situação está, sendo um prosseguimento histórico-geográfico, tem gerado “confusão” e a confusão, por sua vez, tem gerado “prejuízo”, perda monetária. O que se repete em (03) pela presença de “sucesso”, cujo efeito de sentido está relacionado à riqueza e fama, usando como “estratégia” uma riqueza natural: Pantanal.

No enunciado (04), para confirmar que esses discursos remetem a discussão, nesse aspecto, para questões apenas financeiras, a Rede Globo, emissora que “mais uma vez” (01) faz a “confusão” (01), é alvo de uma possível punição que funcione como correção da falta que vem cometendo ao trocar MS por MT: “O governo (deveria) cortar as verbas publicitárias destinadas à emissora. O efeito de sentido se justifica por uma relação sinonímica: prejuízo do estado é “igual” a prejuízo para a emissora.

Análise II : o povo sul-mato-grossense e suas razões

- (05) “é questão de orgulho, respeito, etc.”
- (06) “A grande questão é que não se confunde RS com RN, mesmo com as semelhanças nos nomes, então é uma falta de respeito (principalmente SP e RJ) que costumam criar essas confusões.”
- (07) “A questão me parece ser de caráter nacionalista / regional”
- (08) Há um querer que se desenvolve a partir da divisão do estado.”
- (09) “Querer que pressupõe o reconhecimento desse novo cidadão... cidadão sul-mato-grossense.
- (10) “Assim como os argentinos não suportam que digam que sua língua é o Espanhol – nome modificado por seus colonizadores. Eles afirmam que sua língua é o castelhano - nome original da língua.”
- (11) “Ninguém busca refletir sobre essa questão, pois ela está tão viva dentro de cada um de nós! Nós não pertencemos mais ao estado antigo há muitos anos.”
- (12) “Quem não sabe disso está desatualizado ou está querendo nos importunar / aborrecer,desconsiderar.”
- (13) “É como encontrar alguém q não sabe quem governa o país. Um absurdo. Assim é encarado o equívoco quanto ao nome do nosso estado.”

No discurso (05), há a afirmação do ser/pertencer a. Salta o sentido da identidade pelo espaço, salta o “orgulho” pessoal, a reivindicação pelo “respeito” a que se tem direito , respeito pelo ser, pela história que se tem, pela inscrição nessa história de vida, de lutas, de conquistas. De demarcação geográfica, como pode se observar também em (07): caráter nacionalista / regional

Em (06), a comparação com outros estados, cujas identidades não têm sido postas á prova, funciona como um salto de sentido de desvalor, sentimento de inferioridade em relação a outros povos. Existem outras questões, mas essa salta como a maior:“A grande questão”.

E ainda há a argumentação de que “não se confunde RS com RN, mesmo com as semelhanças nos nomes, então é uma falta de respeito”. Esse enunciado reforça o sentido de inferiorização percebido pelo povo que é representado por esse sujeito. Efeito de sentido que se confirma diante de “(principalmente SP e RJ)”. Esses dois estados são as duas principais economias do país, possuem atualmente o maior PIB, segundo IBGE, além de serem destaques nacionais também em outros aspectos. Sobre eles recai a culpa por “criar essas confusões.”, ou seja, eles têm valor e não nos dão esse espaço de direito.

A história relata que havia “um querer” (08) que o estado se dividisse. O povo do sul do estado se sentia esquecido na imensidão no antigo mapa. Esse interdiscurso ecoa na historicidade do discurso. E esse querer ainda não foi saciado, mas “se desenvolve a partir da divisão do estado.”. Observando-se o contexto histórico que faz parte das condições de produção desse discurso, é possível perceber a continuidade, a história que continua por meio dessa luta pela efetivação da identidade.

No enunciado (09) salta o sentido de justificativa para o “querer” mencionado, a razão que levou o povo a “querer” a separação: “pressupõe o reconhecimento desse novo cidadão”. Disso é produzido um sentido de confissão/denúncia/lamento: o povo da região sul do estado do Mato Grosso não era reconhecido, não era valorizado, não tinha suas necessidades atendidas. Ele precisa(va) conquistar esses direitos, tornando-se “cidadão”, mas não um cidadão comum. Um cidadão identificado: “cidadão sul-mato-grossense”.

No enunciado (09) o uso de “Nós” chama atenção para o sentido de grupo. Não é apenas “um” indivíduo/ “sujeito” falando: é uma reivindicação de/por identidade coletiva, um grupo. Várias pessoas, muita gente. O que produz um sentido de amparo numérico, não se trata de um ou outro isolado, mas há a força de um grupo, e, - diga-se de passagem – um grupo que já provou sua força quando lutou, venceu e se separou: “não pertencemos mais ao estado antigo”.

Um grupo só que se inovou/ “transformou” pela renovação do tempo, deixando para trás o domínio do “estado antigo”, aquele que parou lá, nem acompanhou o tempo, “antigo”, envelheceu. E tudo isso é passado distante: “há muitos anos.”. O que produz um sentido de reivindicação por uma identidade atual, nova, valorizada pela sua força e por seus feitos.

O mesmo grupo que, em (10) se posiciona contra quem não reconhece sua identidade usando a metáfora do sentido da “evolução do mundo”, o lado para o qual o mundo caminha. A palavra “desatualizado” é um horror: tudo o que se encontra desatualizado perde o valor, deve ser descartado, não deve ser considerado.

Porém, diante de alguns nomes considerados de valor, grandes, como Rio e SP, mencionados anteriormente, essa justificativa não produziria o efeito de sentido “desejado” - “o que então deveria ser dito diante desse outro?” – assim retoma-se o efeito de sentido do enunciado (06), em uma escala gradativa de sentidos “está querendo nos importunar / aborrecer,desconsiderar.”

Novamente, nesse enunciado, pode-se perceber o recurso da metáfora sendo utilizado na tentativa de se construir um discurso que defenda uma ideologia de formação de identidade geográfica com os direitos que consigo traz. Numa nação, não se desconhece quem “governa o país”, da mesma forma; como poderia um brasileiro não conhecer outro componente tão importante de seu próprio país: um estado que o compõe? Nesse sentido, seria o mesmo que desconhecer o próprio mapa da nação da qual se faz parte: Um absurdo.



O efeito de sentido do uso do “um” funcionando como numeral, reforça a conotação de questão nacional, já que não há o absurdo de encontrar alguém que não sabe quem é o próprio governante, da mesma forma que não pode haver alguém que não saiba que existe, no mapa do mesmo Brasil, um estado chamado Mato Grosso do Sul: Caso isso pudesse acontecer: seria “um absurdo” contra a nação. “Assim é encarado o equívoco quanto ao nome do nosso estado”: um absurdo contra um grupo chamado nação brasileira, que produz um efeito de sentido de amparo legal, nacional.

Considerações finais

A construção de identidade é uma marca de todo indivíduo, de todo povo em qualquer cultura. Esse trabalho que objetiva a identificação, seja pessoal, seja de grupo constitui, surge de diversas formas, que podem envolver negação, ou afirmação, na medida em que o sujeito nega o que não é e se afirma naquilo que “deseja” ser; também de oposição, demarcada por disputas políticas ou não.

A formação de identidade também se dá em meio a negociações, que demandam escolhas, ressignificações, estabelecimento de fronteiras temporais e espaciais, em meio a lutas e reivindicação. Tendo a linguagem como instrumento de efetivação partir das práticas de produção dos discursos, o que não ocorre sem que, necessariamente, se reconheçam os espaços de discursividade.

Nesse sentido, a luta pela construção da identidade do sul-mato-grossense tem sido um processo de embates pessoais, sócio-culturais, políticos e econômicos. Há um povo reclamando sua marca, sua forma, sua identidade movido por uma corrente ideológica da história que ajudou a construir e da história à qual quer/necessita pertencer. Paralelamente, há uma corrente ideológica fortemente capitalista, representada por forças cujos interesses se voltam a questões econômicas, ainda que para isso precise anular a história.

Referências Bibliográficas

GADETT, F e Hak, T. (org.) **Por uma análise automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Trad. Betânia S. Mariani *et all*, Campinas. Ed. da Unicamp: 1990

GOMES, Nataniel dos Santos & ABRÃO, Daniel. **Ideologias nos Quadrinhos: o capitão América in** GOMES, Nataniel dos Santos, RODRIGUES, M. L. (Orgs) Para o alto e avante. Curitiba: Appris. 2012.



EDIÇÃO Nº 15
JANEIRO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/12/2014

MARTINS, Demosthenes. *Historia de Mato Grosso: os fatos, os governos, a economia*. Sao Paulo:V. Bicego. 1975

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2012

Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas: Pontes. 2008

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**, Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes. 1997.

_____ **Semântica Discursiva. Uma crítica à crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

RODRIGUES, Marlon Leal. **Linguagem, Identidade, Gênero, História**. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

_____ **Identidade: movimento do sujeito** In: PEREIRA, D. C.; RODRIGUES, M. L. (Orgs) *Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas*. São Paulo: Nelpa. 2010.

https://www.facebook.com/pages/Campo-Grande-Mato-Grosso-do-Sul/105709119504867?hc_location=timeline

(<http://www.youtube.com/watch?v=ktcz9WmvXFw>)